

*Associação livre*

ANO VI, EDIÇÃO VIII, DEZEMBRO DE 2017

JORNAL DA SOCIEDADE DE PSICANÁLISE DE BRASÍLIA



*O SENTIMENTO DO MUNDO*



*Ariani*

## APRESENTAÇÃO

Na poesia de Carlos Drummond de Andrade, o *Sentimento do mundo*, publicado há quase 80 anos, traz a realidade de um momento difícil em que sofrimento, preconceito e medo convivem com a solidariedade e a esperança em dias melhores, diante da impotência de homens e mulheres em tempos sombrios de guerra. A atualidade desse poema nos inspira a pensar no momento em que vivemos no Brasil de hoje e na solidariedade e empatia como qualidades humanas para uma sociedade mais justa e harmoniosa. *Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo....* Os textos reunidos nesta edição tratam de afetos, rupturas e diálogo, solidão, melancolia e morte, amor e separação, gratidão, em que o olhar do psicanalista capta a dimensão do humano entre o trágico e o que transcende.

Ao leitor, com carinho!

*Cláudia Carneiro*

## NESTA EDIÇÃO

- Trilhas e Veredas ▪ **Roberto Calil Jabur** ▪ 3  
A clínica como uma práxis política ▪ **Maria Elizabeth Mori** ▪ 4-7  
Objetos parciais: Na vida e na política ▪ **Carmen Souto** ▪ 8-9  
OP? O que é isso? ▪ **Cíntia Xavier de Albuquerque** ▪ 10-11  
Suicídio na adolescência. Espelho de um narcisismo despedaçado  
▪ **Daniela Yglesias C. Prieto** ▪ 12-14  
Achado fotográfico. Um poeminha esquizoparanoide ▪ **Sylvain Levy** ▪ 15  
Sobre a vulnerabilidade da infância e da adolescência  
▪ **Ana Velia Vélez de Sánchez Osella** ▪ 16-18  
Shakespeare, Freud e a perda ▪ **Roniere Ribeiro do Amaral** ▪ 19-21  
Thomas Mann. Consideração e afetuosidade a Sigmund Freud  
▪ **Carlos de Almeida Vieira** ▪ 22-23  
Homenagem a Felix Gimenes ▪ **Tito Nícias Rodrigues Teixeira da Silva** ▪ 24-25  
Lições de simplicidade ▪ **Márcio Nunes de Carvalho** ▪ 26  
Tributo a Gimenes ▪ **Luciano Lírio** ▪ 27  
Maternidade: emoções, turbulências, desafios... ▪ **Daniela Boianovsky** ▪ 28-29  
Menina vestida com roupa-caixa de papelão ▪ **Keyla Carolina Perim Vale** ▪ 30  
Escrevo-lhe para aliviar a minha dor... ▪ **Cláudia Carneiro** ▪ 31

## QUEM SOMOS

Edição  
CLÁUDIA CARNEIRO

Equipe Editorial  
CARLOS CESAR M. FRAUSINO  
CÍNTIA XAVIER DE ALBUQUERQUE  
HELENA DALTRO PONTUAL

Ilustrações  
ALEXANDRE RICCIARDI

Projeto Gráfico e Diagramação  
SALOMÉ  
WWW.SALOMEDESIGN.COM.BR

Impressão e Apoio  
GRÁFICA E EDITORA POSITIVA LTDA

Diretoria da SPB  
ROBERTO CALIL JABUR, *presidente*  
LILIANA DUTRA DE MORAES AVIDOS, *secretária*  
MARIA DE LOURDES ZILLI GUIMARÃES, *tesoureira*  
JOSÉ COSTA SOBRINHO, *diretor científico*  
SILVIA HELENA D. C. HEIMBURGER, *diretora do Instituto*

Jornal da Sociedade de Psicanálise de Brasília,  
filiada à Federação Brasileira de Psicanálise, FEBRAPSÍ,  
e à International Psychoanalytical Association, IPA.  
WWW.SPBSB.ORG.BR ▪ SPBSB@SPBSB.ORG.BR  
JORNAL@SPBSB.ORG.BR

SHIS QI 09 Bloco E 1 - sala 105 | Bairro: Lago Sul  
Brasília/DF | CEP: 71625-175 | 61 3248.2309

Os artigos assinados são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a opinião da SPBSb.

# TRILHAS E VEREDAS

*Roberto Calil Jabur*

“E dez, arranchando entre Quem-Quem e Solidão; e muitas idas, marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados (...) Sertão é dentro da gente”.\*

Psicanálise é dentro da gente, como o sertão, espaço geográfico e existencial em que se busca um rumo, um sentido afetivo, local onde línguas se expandem na expressão poética da dor e do sofrimento.

Percebemos nossa Sociedade funcionando, florescendo, ampliando seus horizontes. Tinha um rosto e este podia ser atendido e visto pela consciência intencional de ajudarmos a conduzi-la, não como um imperativo, mas sim como um lampejo de que esta seria a vez de contribuirmos com nossa força de trabalho. Percorrer labirintos, bifurcações e veredas. Abrir caminhos do possível.

Ampliar as possibilidades de observação e execução de ações necessárias, próprias de um grupo que cresce e que aponta para a frente, para o novo, ampliando o olhar tanto para si mesmo, abrindo caminhos – membros titulares, associados e membros filiados – na direção de um projeto de inserção social dentro de novos paradigmas da IPA, para além de ações filantrópicas, em direção a um eixo em que a prática psicanalítica faz um enlace firme com o que a rodeia social e culturalmente.

Atualmente ocorrem na Sociedade de Psicanálise de Brasília movimentos espontâneos, criativos e pujantes de integração: a organização de grupos de estudos, cursos, reuniões clínicas do CENAPP (Centro de Atendimento e Pesquisa em Psicanálise), de família e casal, de observação de bebês e das várias diretorias. Configura-se uma miríade de acontecimentos vivos, valiosos do funcionamento grupal, sem que para isso sejam necessários apelos ou convocações formais.

No trabalho que assumimos, realizamos muitas coisas, próprias da tarefa, outras que não queremos, estabelecidas entre os feitos e desfeitos do trabalho, mas necessárias à vida comunitária/institucional. No ambien-

te institucional emergem contradições que definem sistemas, indivíduos e grupo, como o sertão, de forma múltipla e variada.

Pares concordância/discordância, amor/ódio, além de personalismos próprios do humano vividos ora silenciosos, ora ruidosos, como na bela definição de Levinas de que a liberdade “é manter-se contra o Outro apesar da relação com o Outro, porém mantendo a autonomia de um Ego (Cultura)”.

Os grupos humanos são organismos vivos. As sociedades possuem uma lei interna de desenvolvimento, análoga ao ser vivo, conhecendo fases de expansão e algumas vezes de hibernação, mas têm sua existência independente do tempo. Descrevem um ciclo inteiro em um ano e o ciclo seguinte em um século.

Os indivíduos podem mudar, mas o caráter coletivo, a Cultura, permanece com movimentos evolutivos e transformadores, constituindo grupos criativos em que se destaca a solidariedade de interação, rumo à expansão de ideias novas dentro do contexto de nossa disciplina e trabalho, vivendo a impermanência e a transitoriedade.

Muito fica de fora, atos falhos e omissões: “Não toque tudo: deixe que algumas coisas escapem. O que você não toca pode ser mais importante do que o que você toca”, ensinava o pianista Thelonious Monk.

\*Trecho de *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.



*Roberto Calil Jabur é membro titular, analista didata e presidente da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# A CLÍNICA COMO UMA PRÁXIS POLÍTICA

*Maria Elizabeth Mori*

Vivemos um momento no Brasil de excessos de transbordamento emocional, com posicionamentos de acirramento, polarização das diferenças, de ataques de ódio e crescimento da violência social. O País tem sob seu comando um presidente acusado de corrupção, com apoio de um Parlamento composto, na sua maioria, por deputados e senadores envolvidos em processos criminais, com a leniência do Poder Judiciário.

A psicanálise nos ensina que a ruptura com o pacto civilizatório nos leva à barbárie. Nossa lei maior, a Constituição brasileira, vem sendo brutalmente violentada por um grupo de pessoas que perderam seu lugar de soberania no poder, historicamente mantido no País, e tiveram seu projeto político derrotado nas últimas eleições. Pela incapacidade de elaboração do luto, tão fundamental nos processos depressivos, oriundos de eventos de castração, tão comum à vida humana, não se deram um tempo para cuidar de si. Ao contrário, atuaram um contra-ataque sem ética e fazem de tudo para se manter no poder.

Para Christian Dunker (2017), existem pessoas que sofrem caladas e sozinhas; outras tomam sua insatisfação como fonte de inspiração para a transformação; e há aqueles que, no desprezo por seu próprio mal-estar, dedicam-se a explorar o sofrimento alheio. Para esse autor, o Brasil vem deslocando os afetos do medo e da inveja, características da “cultura do condomínio”, para o ódio e a intolerância, constituindo assim uma nova

política para o sofrimento. Empobrece-se o modo de fazer política e, ao contrário, apela-se por mais leis, por instituições mais fortes e mais duras ou ainda por líderes desejosos pelo poder.

Até mesmo a pessoa que se diz “não se interessar pela política”, sem se dar conta, tem sua subjetividade atacada por movimentos conservadores que reivindicam, produzem e aplaudem: o controle da sexualidade, o retrocesso nas políticas públicas sociais, de educação e de saúde, o cerceamento dos diferentes modos de ocupação do próprio corpo, a censura das artes, mídias, ideias e pensamentos, uma educação sem partido (leia-se, não política), as mudanças nas leis trabalhistas, com tentativas de retorno do trabalho escravo, as perseguições e delações obtidas de maneira coercitiva, dentre outras práticas abusivas.

Tomada pela insatisfação do que se passa no país, considero-me como parte do segundo grupo apontado por Dunker. Como outros tenho me inspirado para colaborar na sua transformação fazendo eco à pergunta colocada também por ele: “Qual é a contribuição da psicanálise à política brasileira?”

Somos um grupo com uma representação social importante, uma longa formação e dedicação aos assuntos de interesses coletivos. Em tempos de ensurdecimento para a posição do outro, para o livre associar da palavra, temos o que dizer e algo a contribuir, mesmo reconhecendo as nossas diferenças no interior do campo da psicanálise.

### A POLÍTICA QUE FAZEMOS NA CLÍNICA

O termo política tem origem no grego **Politiká**, uma derivação de *Polis* que designa aquilo que é público. A política é a ciência de governar um estado ou nação em relação a determinados temas sociais e econômicos de interesse público, por meio de ações, políticas públicas, que atendam os diversos setores da sociedade civil.

Como arte de negociar na política há que se compatibilizar os diferentes interesses existentes, portanto há que seguir o princípio democrático. A palavra democracia tem origem no grego **Demokratía** que é composta por *Demos* (povo) e *Kratos* (poder). Numa democracia os cidadãos elegem os seus dirigentes por meio de eleições periódicas. É um regime de governo em que todas as importantes decisões políticas estão com o povo.

Numa política democrática há que se exercer o diálogo entre os diferentes interesses, cujos conflitos se manifestarão também pela palavra sem censura e negociada por meio desta. Nessa condição, suspende-se a violência produzida pela guerra, “um acontecimento que destrói bens preciosos da humanidade, confunde inteligências das mais lúcidas e degrada tão radicalmente o que era elevado; até a ciência perde sua desapaixonada imparcialidade” (Freud, 1915, p.200).

A psicanálise, como a política, parte do mesmo princípio – democrático - quando o conflito entre os diferentes desejos deve ser colocado em livre palavra, sem censura prévia, e tratado por elas, numa experiência de intimidade. O estabelecimento de uma relação analítica transferencial é o que nos permite pensar e intervir na nossa vida, na experiência com o outro.

Etimologicamente, a palavra clínica remete ao ato de inclinar-se sobre o leito de quem sofre. Do grego, clínica é ao mesmo tempo **Klinikós** (inclinar-se, acolher) e **Clinamem** (produzir desvios aos estancamentos da vida). A intervenção clínica procura, portanto, produzir efeitos na subjetividade, ao promover desvios, equivocando certezas e abrindo espaços para que a livre palavra manifeste os diferentes afetos, as múltiplas

vozes que constituem o psiquismo do sujeito, até então silenciadas e produtoras de sintomas. Como intérprete do inconsciente, o analista se atenta para denunciar um sistema de crenças e escolhas de uma realidade imposta, que se contrapõe e torna a vida contrariada.

Nós, psicanalistas, nos implicamos, desde Freud, com o processo de produção de subjetividades e da cultura por meio do estranhamento dos instituídos estabelecidos pelas e nas sociedades. O pensamento freudiano desde a sua criação, no fim do século XIX, deve ser considerado um acontecimento político diante dos desafios apresentados pelas manifestações históricas, um desconhecido, estrangeiro, que alguns corpos apresentavam, sem resposta adequada pela ciência instituída de seu tempo.

Ao propor a escuta da palavra na histórica, no lugar de vê-la através de seu sintoma físico claudicante, a paralisia, a realidade da lesão, Freud descentra a consciência – lugar privilegiado da razão – propondo uma outra forma de compreender a relação pensamento/realidade, impondo um novo olhar tanto à ciência quanto à cultura, um desvio, uma ruptura sobre o saber vigente da época, positivista, que privilegiava a racionalidade, segundo o modelo biomédico que, ainda hoje, entende a saúde como ausência de doença fisiológica.

Freud interveio no pensamento científico não somente nos aspectos epistemológico e ontológico, mas também metodologicamente, ao escutar a palavra das pessoas que se queixavam das dores de seus sofrimentos, não visíveis à “neutralidade do olho nu”, por se tratarem de sintomas relacionados a uma outra realidade, desconhecida, esquecida, a realidade psíquica. Associação livre imprimirá a força àquilo que se opõe, as resistências, a censura que aliena o sujeito de seu desejo. Conflitos intrapsíquicos, intersubjetivos, passíveis de surgirem na vida amorosa, familiar, no trabalho, nas instituições, na vida social, enfim, que estabelecem situações de assujeitamento, com um sentimento de impotência diante da vida.

E Freud não viveu uma vida isolado no consultório. Como “um pensador da cultura”

debruçou sobre os acontecimentos da Polis de seu tempo que atravessam a vida dos sujeitos. Apesar de ter desenvolvido a psicanálise como uma experiência laica, não se absteve de posições políticas na perseguição ao povo judeu. Conhecemos a história.

Falemos de alguns outros âmbitos de atuação clínica, além dos nossos consultórios, imbricada com a política.

**A clínica da Clínica.** Como analistas institucionais, intervimos no sofrimento coletivo produzido nas instituições. Exemplifico com uma experiência nos serviços de saúde do SUS cujos usuários adoecidos enfrentam barreiras de acesso produzidas por processos de trabalhos instituídos, gestão centralizada e burocrática, com poucos espaços de abertura ao diálogo com o diferente; já o que predomina é o corporativismo de categorias profissionais.

Esse modo de trabalhar, normatizado, paralisa os coletivos de trabalhadores, adoecendo-os. O encontro entre os diferentes sujeitos perde o sentido. O sofrimento leva-os a buscarem estratégias de sobrevivência: atuação de mecanismos de defesa de negação, projeção, atitudes persecutórias, de arrogância, de onipotência, com ataques de inveja ao novo que produz diferenças. Com isso, o que se oferece é uma clínica degradada: foco no modelo biomédico – queixa-conduta-medicação –, uma atuação reducionista de saúde, com práticas hospitalocêntrica, medicalizante e medicocentrada.

A escuta analítica realizada nas instituições objetiva apoiar trabalhadores e gestores a implementarem a democracia institucional, com a inclusão do saber de todos: um modelo de intervenção, a análise institucional, que se oferece para intervir nos analisadores (sintomas?) institucionais.

**A clínica do Testemunho.** Uma clínica do trauma. Foi uma experiência realizada a partir da Comissão Nacional da Verdade (CNV), do Ministério da Justiça, no primeiro Governo Dilma. Nesta experiência o analista saiu de uma posição “mais clássica” e dedicou-se ao trabalho de escuta grupal com pessoas que viveram o horror da ditadura de 1964, esteve diante daquilo que é difícil

colocar em palavras: o traumático relacionado ao que um ser humano pode fazer contra o outro humano.

Sabemos que o recrudescimento de posições autoritárias, ditatoriais, culminou com a perseguição, a prisão, a tortura, a morte, o exílio, o repatriamento de muitos brasileiros por outros, também brasileiros, que se colocaram num lugar do instituído da época. Os psicanalistas envolvidos neste trabalho de escuta de “reparação psíquica e construção de memórias” (SIG, 2014) nos contam que, para fazer contato com a arena onde a violência aconteceu, foi necessário emprestarem seu próprio corpo e assim poderem imaginar o que se dá nesse encontro de sujeitos quando a tortura prevalece.

**A clínica a Céu Aberto, na Rua, Extramuros.** Coletivo de psicanalistas que se oferecem num espaço da Polis para que se produza subjetividade, trabalho e vida fora da lógica do mercado. Sem hora marcada com antecedência ou pagamento na saída, rompem as muralhas do *setting* tradicional e realizam atendimentos gratuitos, semanalmente, com duração de uma hora e revezamento de analistas.

Pretende-se operar a psicanálise de maneira mais ampla na vida das cidades e das pessoas, com um redesenho do *setting*, pois quem atende não é o indivíduo do analista, mas o grupo.

**A clínica do Observatório Psicanalítico.** O OP, criado pela Febrapsi, Diretoria de Comunidade e Cultura (DCC), tem como objeto de análise os acontecimentos políticos e socioculturais do Brasil e do mundo. Psicanalistas são convidados a refletir sobre os eventos da Polis, nacional e internacional, que cotidianamente atravessam, sintomaticamente, nossas vidas. Trata-se de intervenções nos movimentos subjetivos e coletivos das cidades. Temas como os relacionados às políticas públicas de saúde, educação, preconceito, racismo, misoginia, violência, dentre tantos outros, têm sido pensados com o nosso olhar psicanalítico e tornado públicos nas redes sociais.

Desta maneira, amplia-se a escuta psicanalítica de modo a alcançar a vida produzida

pela e na cidade, afinal “o que enlouquece é o laço social”, como nos diz Catarine Koltai (Portal Psibr, 2017). Para a psicanalista, toda psicanálise é política porque sofremos dos males do nosso tempo. Neste sentido o sintoma é social e é político e não é o tipo de público atendido clinicamente pelo psicanalista que transforma a psicanálise em política.

### UM RETORNO AO CENÁRIO ATUAL

Os acontecimentos políticos no Brasil indicam uma dificuldade de se aceitarem as diferenças, suscitando desejos de amor e ódio. Pessoas da mesma família estão em lados opostos. O vizinho vira inimigo, produzido por discursos totalizantes. O antigo inimigo se torna amigo. Elimina-se aquilo que não se suporta em si, o estranho, o estrangeiro, e projeta-se no outro. O ódio, a inveja, o ressentimento predominam. Em vez do domínio da pulsão de vida, com atitudes de inclusão, reconhecimento, integração das diferenças, o que tem prevalecido é a pulsão de morte, com atitudes de banimento, segregação, exclusão, aprisionamento dos diferentes. Mata-se em defesa do que se considera o seu território. O mal intencional contra o outro e o prazer que se tem com este mal é “humano, demasiadamente humano”.

Concordo que o psicanalista em seu compromisso ético de recusa do poder no encontro analítico e em sua função social, na relação com o outro sujeito e com a sociedade que habita, coloca-se disponível para pensar sobre o que fazemos com o que segregamos. O diálogo com o diferente na Polis demanda uma atitude de análise do que é desconhecido para que novos territórios, a alteridade (do outro que está fora e daquele que nos habita) possa se expressar, afinal ela está na raiz do processo de constituição subjetiva (Tanis & Khoury, 2009).

Concluo, citando Freud (1915): “As guerras não podem acabar enquanto os povos viverem em condições tão diferentes, enquanto divergirem de tal modo no valor que atribuem à vida individual, e enquanto os ódios que os dividem representarem forças psíquicas tão intensas”. (p.211)

### ENDNOTES

\*O trabalho completo foi apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Psicanálise, em Fortaleza, em 3 de novembro, na mesa-redonda “Psicanálise, Política e Educação”.

### REFERÊNCIAS

- Dunker, C. (2017). *Reinvenção da Intimidade. Políticas de Sofrimento Cotidiano*. São Paulo: Ubu Editora.
- Freud, S. (1915/2010). Considerações atuais sobre a guerra e a morte. *Obras completas*, V. 12. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras.
- Koltai, C. (2017). *Série sobre Psicanálise e Política*. Portal Psibr.
- Sigmund Freud Associação Psicanalítica (2014). *Clínicas do Testemunho: reparação psíquica e construção de memórias*. Porto Alegre: Criação Humana.
- Tanis, B. & Khouri, M. (2009). *A psicanálise nas tramas da cidade*. São Paulo: Casa do Psicólogo.



**Maria Elizabeth Mori** é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília

# OBJETOS PARCIAIS: Na vida e na política

*Carmen Souto*

Nos últimos tempos tenho lido e ouvido em rádios, jornais, TVs e demais veículos de comunicação matérias do tipo: 1) Âncora é demitido da *Rádio Jovem Pan*, após 21 anos, porque não admitiu o radicalismo da linha editorial de só criticar um lado: “Para mim desde sempre são todos iguais, Lula, Alckmin, Aécio, Temer e milhares de outros que se equivalem, mas a ordem era criticar só o PT” (*Jornal Brasil* 247 de 12/10/2017); 2) Torcida de escola do Rio Grande do Norte provoca time adversário com o refrão “sua mãe é empregada da minha”. Este episódio aconteceu na decisão do campeonato de basquete do IFRN, quando os dois times se enfrentavam na final ouviu-se o refrão acima (*Jornal Tijolaço* de 01/10/2017).

No consultório têm sido frequentes falas como: “Briguei de novo com a família e saí do grupo de *whatsapp*, não aguento mais aqueles comentários que têm nos dividido entre coxinhas e mortadelas, ninguém mais raciocina, pensa, só nos agredimos, ou melhor, me agridem quando manifesto minhas opiniões, não tem debate, ninguém se ouve...” De amigos os comentários também não têm sido diferentes, um chegou a me dizer: “Sabe o que penso? O mundo está dividido e agora será sempre assim, ou você é, ou você não é, não tem mais como negociar”. Lembro de uma coluna, ainda no final de 2016, em que o autor orientava os leitores a como fazer para não brigarem e não romperem relações com os parentes durante as festas de fim de ano, quando o assunto fosse política.

Esse tipo de notícia, comentário ou debate em redes sociais, consultórios, e com ami-

gos e familiares tem me chamado a atenção, pois parece ter como base uma única linha de pensamento, a de que os lados têm seus pontos de vista muito bem definidos e parciais e, portanto, estão impossibilitados de ver o todo, de fazer uma crítica ou mesmo um comentário sobre as suas próprias posições ou sobre as posições contrárias. Estão todos acintosamente defensivos.

Como um ser político e social, resolvi pensar e expor algo dessa reflexão usando o referencial de Melanie Klein, e tentar colocá-la no amplo olhar das relações sociais. No texto *A Vida Emocional do Bebê*, ela nos diz que, a princípio, o bebê não enxerga a mãe, vê apenas o seu seio e este é internalizado como um objeto parcial. Às vezes bom, quando a mãe atende a tempo às suas necessidades de alimentação, proteção, calor, cuidados de limpeza. Outras vezes mau, quando essa mãe, ou o seio, não atende aos apelos na rapidez desejada e o bebê se sente abandonado, desprotegido, atordoado com seus sentimentos e sensações de fome, angústia, desconforto, desamparo. Klein denomina este estágio, nos três primeiros meses de vida, de Posição Esquizoparanoide. Somente mais tarde o bebê vai entender que aquele seio é de sua mãe e esta é uma pessoa inteira; a mesma pessoa que o alimenta, acaricia, dá conforto, limpa, embala, deixa-o esperando com fome, com dor. Quando o bebê reconhece a mãe como um objeto inteiro – integral e não mais parcial –, ele passa para o estágio denominado Posição Depressiva.

No exemplo do jornalista demitido por se

recusar a ser parcial em seus comentários políticos, ele dizia entender que “todos os políticos eram iguais, assim todos os políticos eram ruins”. Não via nada de bom neles, pois entendia a política como algo ruim, que não é bom para a sociedade e, portanto, todos os seus representantes são ruins. Ele tentava de alguma forma ver a política e, conseqüentemente, a sociedade de forma mais integrada. Mas seus chefes e patrões estavam em Posição Esquizoparanoide, enxergando apenas um lado, o de apenas um partido político. Como bebês, ainda não integrados, sem considerarem que os dois lados têm coisas boas e ruins.

Uma parte da sociedade brasileira tem pensado assim, como os chefes e patrões do jornalista nos últimos anos, não reconhecendo que é a política que intermedeia as decisões sociais e negocia com a sociedade e o Estado. Mas, como o seio mau, o jornalista vê os políticos apenas como aqueles que não atendem às suas necessidades, nem às da sociedade, não compreendem os apelos sociais e, portanto, são maus. Esses políticos representam o lado mau, o seio ruim. Seus patrões igualmente dividiam os políticos em bons e maus. Um grupo era bom e o outro ruim. Suponho que, para os chefes e patrões, os políticos bons são os que atendem às necessidades de suas empresas, financeira e politicamente, sempre que necessitam, e os ruins são aqueles que não os atendem.

Uma sociedade ainda pouco desenvolvida não tem seus contratos sociais claramente estabelecidos de forma que, nas cláusulas pactuadas, as competências de cada um tenham sido aceitas e divididas entre todos os segmentos sociais – podemos dizer que ainda está em um estágio primitivo. Esta sociedade primitiva reagirá de forma agressiva, atacando a tudo e a todos como um bebê que se sente perseguido por suas fantasias de aniquilamento.

No segundo exemplo, também vemos um grupo atacando o outro com a intenção de aniquilar esse outro pela humilhação e pela desqualificação. Klein diz que é própria das emoções do bebê sua natureza exagerada e poderosa. Assim o objeto mau é sentido como um terrível perseguidor e o bom é convertido em ideal, cuja gratificação seria ilimitada. Esse mesmo medo persecutório faz surgir a necessidade de proteção que, por consequin-

te, torna o bom excepcional, surgindo assim o sentimento de onipotência. Este sentimento dará ao bebê a sensação de controle sobre o objeto interno e o externo. Nos primeiros tempos da vida do bebê impera a posição esquizoparanoide, relação com o seio amado e odiado, e esta é a primeira relação objetal do bebê, uma relação parcial. Estarão presentes os desejos de gratificação ilimitada ao tempo da ansiedade persecutória; esses dois aspectos do seio materno introjetados formarão o núcleo do superego. Gerando divisão, onipotência, idealização, negação e controle dos objetos internos e externos.

A prepotência e a idealização são oriundas da defesa da perseguição dos objetos maus. Para me defender, eu tenho que fantasiar ser melhor que o outro, e a superioridade se mostra pela capacidade de escravizar e dominar o outro. Nesse estágio o bebê quer destruir o seu perseguidor. No caso dos jogadores do time de basquete, percebe-se que os adversários são pensados como aqueles que sempre estiveram fora, e agora querem também fazer parte de um time, de uma escola, de uma sociedade, de um Estado, em pé de igualdade. Para isso me tiram o que tive de bom até agora, os espaços de prazer: as escolas, os cinemas, as bolsas de estudo, os bons professores, os bons empregos e quem sabe até, no futuro, as garotas mais bonitas.

Nos debates familiares perpassa o mesmo pensamento, pois, como em todos os espaços sociais, a população que sempre teve acesso aos poucos e bons serviços públicos está perseguida pela possibilidade de que o seio não lhe seja inexaurível, e que agora seja relegada às necessidades mais terríveis.



*Carmen Souto é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# OP? O QUE É ISSO?

*Cíntia Xavier de Albuquerque*

Vamos voltar ao início de 2016 e à então recém-criada Diretoria de Comunidade e Cultura (DCC) da Febrapsi. Daniel Delouya começa sua gestão como presidente. O tema do próximo Congresso é decidido: Morte e Vida, novas configurações. Como diretora de Comunidade e Cultura começo fazendo contatos: com o grupo pioneiro RSIP (Responsabilidade Social das Instituições Psicanalíticas), com colegas que atuavam nessa área, com aqueles que davam apoio, com os presidentes das federadas e com nossos delegados. Iniciei uma investigação solitária em busca de informações sobre as atividades das federadas em tudo que tivesse a ver com a cultura. Visitei cada site. Obtive um panorama atualizado, que ficou mais completo com a parceria Fepal-Febrapsi e os resultados da pesquisa “Psicanálise a Céu Aberto”, coordenada por Magda Khouri, então diretora de Comunidade e Cultura da Fepal.

Planejamos e realizamos a I Jornada de Comunidade e Cultura, evento preparatório para o congresso. Em novembro recebemos, em Brasília, a diretoria da nossa federação e vários colegas com participação e experiências fundamentais nesse campo, como Leonardo Francischelli, Joyce Goldstein, Magda Khouri, Maria Teresa Lopes, Beth Cimenti, Alice Lewkowikz e Rossana Nicolliello, representando algumas das federadas e prestigiando o evento.

Convidei Beth Mori e Carlos Frausino para comporem comigo um grupo de trabalho. Colegas experientes e criativos, já terminamos 2016 pensando em novos passos para a DCC. Surgia ali a ideia de um observatório, um novo olhar, atento, voltado para o que acontece fora, para nosso país, para o mundo. Mas o olhar psicanalítico, não outro. Um desafio para nós, tão acostumados a refinar o olhar analítico a dois. Algo que é próprio da prática clínica e de nossas conversas com colegas psicanalistas.

Como fazer? Que caminhos, que metodologia, que embasamento? Com quem contar, onde publicar? Estas e muitas outras questões não cessavam de se apresentar a nós. Aliás, até hoje é assim. Foram inúmeras reuniões ao vivo e não, incontáveis cafés, encontros, desencontros, e fomos delineando o projeto. Ponto de início, ponto fundamental: a aceitação da diretoria da Febrapsi ao nosso projeto ainda tão incipiente e em parte obscuro. Obrigada, Daniel Delouya e colegas da diretoria, por apostarem conosco assim, no indefinido. O nome já tínhamos: Observatório Psicanalítico. Que logo recebeu o apelido de OP.

Gestado a três. Cada um com sua personalidade, ritmo, pontos fortes. Uma experiência que eu desconhecia é o fato de que o OP tem um eixo público, universo novo para alguém que sempre foi ativa, mas dentro das instituições psicanalíticas. Bom, então, explicando melhor como funciona: nós ficamos atentos aos acontecimentos que têm impacto na cultura; os identificamos e convidamos colegas para escreverem pequenos textos; publicamos no Facebook da Febrapsi, de onde são compartilhados por milhares de pessoas. Parece simples.

O outro eixo do OP é privado. Criamos o Google Group que conta hoje com 191 membros. Colegas que receberam os convites enviados mais de uma vez via secretaria da Febrapsi às federadas e que nos pediram suas inclusões. Candidatos e membros, recém-chegados ou veteranos. É só querer participar. O mais surpreendente mesmo foi a receptividade dos colegas a esse grupo. Começamos a exercitar a conversa aos poucos e hoje é fácil perceber que o OP se tornou nosso importante ponto de encontros. E de reflexões cada vez mais elaboradas. Há quem todos os dias procure o OP para ver o que há de novo. Há quem dedique tempo e atenção ao que tem sido dito pelos colegas e responda

a eles, a cada um. E então temos conhecido uns aos outros no OP.

Mas onde é? Qual o endereço? Tem um site? Não, não e não.

E durante o ano o OP foi se desenvolvendo com muita vitalidade. Como eu e vários colegas já dissemos: nós precisávamos de um lugar assim e não sabíamos. Num certo momento recebo um convite para participar de uma reunião online com colegas de diversas instituições latino-americanas. Queriam saber como fizemos, como planejamos, como poderiam aproveitar nossa experiência e fazer algo na Fepal também. E depois nos chega um convite para inscrevermos o OP no Congresso de Lima. Vamos lá!

E nosso pequeno grupo já de olho no próximo passo: um jornal digital para comemorar seu primeiro ano de vida, a ser apresentado no Congresso Brasileiro de Fortaleza. Outro processo como tem sido tudo o que diz respeito ao OP: feito com dedicação e capricho. Apresentamos, na data da abertura do congresso, o *Jornal do Observatório Psicanalítico Febrapsi*. O número 1. Publicado no Facebook e enviado a todas as federadas no mesmo momento. Com os 30 primeiros textos publicados pelos colegas escritores. Durante o congresso, o OP foi apresentado em um Painel, e nossos convidados foram escolhidos entre colegas que mais nos acompanharam nesse início: Daniel Delouya, Roosevelt Casorla e Ney Marinho.

Mas, sobre o quê temos escrito e publicado? Para dar uma ideia, separamos os temas em quatro grandes blocos: políticas públicas, política internacional e brasileira, ódio ao diferente; cultura, eventos culturais, mulher, gênero; trabalho clínico do analista; educação, infância e adolescência. Não é fácil categorizar, pois um mesmo acontecimento pode ser visto sob diversos ângulos. Como psicanalistas sabemos disso, a cada olhada

se pega um aspecto. Então, vai tudo junto e misturado mesmo.

E nessa caminhada tão dinâmica somos surpreendidos pelos textos que nos são oferecidos espontaneamente, pelas sugestões que nos chegam no grupo de e-mails, pelas ideias, pela constatação de que estamos construindo algo inédito, um grupo democrático que acolhe quem dele quiser participar. Uma fonte ainda desconhecida de riquezas e de possíveis desdobramentos.

2018 está chegando e nós, do OP, com muito trabalho pela frente. E, como sempre, cheios de entusiasmo e alimentados pela receptividade e participação dos colegas. Se você, leitor, quiser conhecer nosso lindo jornal, acesse

[https://issuu.com/salome\\_design/docs/observatorio\\_psicanalitico\\_febrapsi](https://issuu.com/salome_design/docs/observatorio_psicanalitico_febrapsi)



**Cíntia Xavier de Albuquerque** é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília e coordenadora do Observatório Psicanalítico Febrapsi.

# SUICÍDIO NA ADOLESCÊNCIA

## ESPELHO DE UM NARCISISMO DESPEDAÇADO

*Daniela Yglesias C. Prieto*



O suicídio é a uma das principais causas de morte entre adolescentes e jovens (15 a 29 anos) em todo o mundo. O adolescente tem um aparelho mental menos desenvolvido para lidar com as experiências, em que algo o atinge e há pouco espaço de elaboração. Sua pele psíquica é mais fina e permeável, o que o torna mais susceptível ao impacto do que vem de fora, como mudanças das condições de vida, perda de laços afetivos, lutos, migrações, violência. Sem muito filtro frente ao que vem de fora, a saída pode ser um ato suicida para lidar com os conflitos e desafios da vida.

O suicídio envolve um sofrimento psíquico extremo, percebido como insuportável, em que a morte é vislumbrada como única solução para cessá-lo. Os processos mentais associados ao suicídio são vivências depressivas intensas, afetos de desespero, ódio, raiva e ansiedade, associados a uma autoimagem desqualificada, em que o Eu dirige contra si sua agressividade. A percepção de si e do outro fica borrada por intensas emoções, o que dificulta um pedido de ajuda.

Aqueles que tiveram o desenvolvimento emocional na infância e adolescência marcado pelo não investimento amoroso de seus cuidadores ou por situações de violência (verbal, física, sexual) tendem a formar uma autoimagem desqualificada, em que vivenciam dificuldade de experimentar amor por si mesmos, sendo mais vulneráveis frente a situações adversas. Por outro lado, práticas educativas que não colocam limites para suas crianças não as ajudam a aprender a lidar com as frustrações que são vividas como insuportáveis e intoleráveis.

A adolescência é um tempo de intensas transformações no corpo, na mente e na relação com os outros e marca um estágio de vulnerabilidade. O adolescente tem que lidar com as perdas do corpo infantil, com

o reflorescimento da sexualidade, com o reposicionamento dos papéis em relação aos pais e com o progressivo ingresso no mundo adulto. Tudo isso marca um período de crise e vulnerabilidade, em que as experiências adversas podem ser vivenciadas com maior intensidade. A escolha de uma carreira profissional nesse período intensifica ainda mais a experiência de vulnerabilidade.

Freud (1914/2010) nos ensina que o sujeito investe seu objeto de amor e vivencia o retorno desse investimento quando é retribuído. Não ter sido investido amorosamente pelos cuidadores compromete a capacidade de tomar a si mesmo como objeto de amor e marca uma vulnerabilidade. Podemos pensar o quanto as falhas nesses momentos precoces podem levar a manutenção de fissuras que podem reabrir frente a situações posteriores da vida que desafiam o sujeito. Ter uma mãe deprimida ou muito instável, por exemplo, pode dificultar o envolvimento da mesma com seu bebê e levá-lo a formar uma imagem de si como objeto desqualificado.

Outra contribuição que me parece fundamental para entender o processo suicida é de Melanie Klein quando ela refere que o sofrimento reativa experiências semelhantes anteriores na nossa mente. Nesse sentido, quando experimentamos uma situação de perda, outras são novamente vivenciadas. A imagem que me parece representar bem esse momento é o tempo de ressaca do mar que traz das suas profundezas aquilo que estava encoberto, escondido. Uma situação de humilhação ou perda no presente reativa o sofrimento de situações anteriores e pode dar luz, em parte, à sensação que temos quando nos deparamos com uma pessoa em forte processo depressivo, em que a reação parece desproporcional ao evento que a precipitou.

Os adolescentes e jovens buscam construir uma imagem de si que ainda é muito instável

e dependente do olhar do outro. A cultura contemporânea, com a espetacularização da vida privada, muitas vezes os tornam reféns de uma imagem especular que tentam construir de si mesmos nas mídias sociais. Ficam mais vulneráveis a situações de desqualificação que podem tomar proporções devastadoras na sociedade atual, nas quais ferramentas de comunicação são utilizadas para potencializar insultos, como no *cyber-bullying*. As situações de humilhação e violência podem intensificar vivências depressivas, sentimentos de solidão e desconexão com o outro e ativar um processo suicida em pessoas vulneráveis.

A questão da presença de relações de intimidade como aspecto de proteção contra o suicídio é um foco das pesquisas atuais da Organização Mundial de Saúde (2017). As relações de intimidade nos permitem trocar confidências, conversar sobre nossos sentimentos e aliviar angústias que estamos sentindo, além de nos trazer vivências de pertencimento e apoio. Nesse ponto, é importante contarmos com as contribuições de Bauman (2004) sobre a sociedade contemporânea, individualista, em que as pessoas são tratadas como objetos de consumo e avaliadas quanto a possibilidade de trazer prazer. É a morte de valores como a solidariedade, a compaixão, da troca e da simpatia mútuas.

Os adolescentes e jovens enfrentam o desafio de ingressar na vida adulta em um mundo contemporâneo cada vez mais exigente, em que predominam relações de competição, onde não encontram refúgio para lidar com o sofrimento. Estamos vivendo em uma sociedade individualista, com o empobrecimento das redes de pertencimento, que exige cada vez mais habilidades cognitivas e emocionais para lidar com um universo de relações. O mundo globalizado cada vez mais complexo nos desafia a encontrar caminhos de uma vida possível entre as negociações do desejo e da realidade. Freud (1930/2010) nos fala que cada um tem que descobrir a sua forma particular de ser feliz. Podemos pensar o quanto as intensas mudanças econômicas e sociais ocorridas nas últimas décadas colocam as populações de adolescentes e jovens frente a desafios que são difíceis de enfrentar, para os quais muitas vezes não encontram recursos em si mesmos e nem modelos em seus pais.

## REFERÊNCIAS

Bauman, Z. (2004). *O amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. C. A. Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, S. (2010). *Introdução ao narcisismo*. In: Freud, S. *Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos*. (1914-1916). São Paulo: Companhia das Letras, pp. 13-50. (Originalmente publicado em 1914).

Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In: Freud, S. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos* (1930-1936). São Paulo: Companhia das Letras, pp. 13-50. (Originalmente publicado em 1930).

Klein, M. (1996). Uma contribuição à psicogênese dos estados maníaco-depressivos. In: *Obras Completas de Melanie Klein*. (A. Cardoso, trad.). Vol. I, Rio de Janeiro: Imago, pp. 301-329. (Originalmente publicado em 1935).

WHO (2017). *Mental health status of adolescents in South-East Asia: evidence for action*. World Health Organization: regional office for South-East Asia.



**Daniela Yglesias C. Prieto** é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

# ACHADO FOTOGRÁFICO UM POEMINHA ESQUIZOPARANOIDE

*Sylvain Levy*

*O corpo dividido  
ao meio do caminho  
ao vidro em frente  
mais parece as duas  
metades de alguém  
que não é gente*

*O balanço do caminhar  
faz desaparecer um lado  
do vidroespelho  
e um corpogente formado  
ora um, ora dois  
ora nada*

*Desapareço na metade  
surjo inteiro  
no meio*

*Balanço de um lado e  
do outro lado  
ladeando a mim mesmo*

*Sou dois  
Sou um  
Sou meio*

*Sou nada  
E recomeço o caminhar  
ao encontro do vazio  
que a minha figurimagem  
esconde do outro lado  
do espelho*

*Troco passos  
troco lados  
troco espelhos  
troco vidros  
troco ideias  
troco espaços  
troco tempos  
ao simples bambolear do corpo*

*De um lado  
eu.  
De outro eu.  
Ao meio um risco  
dividindo  
um eu que não apareço.  
Só existe um lado  
que não é o meu.*



*Sylvain Levy é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# SOBRE A VULNERABILIDADE DA INFÂNCIA E DA ADOLESCÊNCIA

*Ana Velia Vélez de Sánchez Osella*

Como coordenadora do Setor de Crianças e Adolescentes do Instituto Virgínia Leone Bicudo e delegada da SPBs junto à Federação Psicanalítica de América Latina, aproveito este espaço para comunicar que as sociedades e grupos constituintes da FEPAL, impulsionados pela Diretoria de Crianças e Adolescentes da mesma, tomaram como fio condutor a discussão do sofrimento produzido pelo TEA – Transtorno do Espectro Autista. Durante o XXXI Congresso Latino-americano foi gestada a Declaração de Cartagena e o início da construção de uma Rede Aberta pela internet, por meio da qual poderemos compartilhar inquietações e problemáticas da infância e adolescência com toda América Latina.

Esse movimento é uma aposta no encontro e intercâmbio da pluralidade de enfoques, terapêuticos e intervenções educativas em consonância com as fortes evidências clínicas acumuladas através de nossas práticas de orientação psicanalítica. Para isto se convocam as entidades representativas e as sociedades psicanalíticas para empenhar seus esforços em encontrar transações adequadas ao conflito entre o padecimento da infância e adolescência e as soluções que oferecemos. Convidam-se organizações não governamentais, instituições de saúde em geral, professores, grupos de pais e outros afins, preocupados e ocupados com a vulnerabilidade da infância na América Latina frente ao excesso de patologização e medicalização. Para isto estamos veiculando o sítio SEMILLAR, uma “casa virtual” na qual possamos conformar uma rede de intercâmbio de experiências que estimule políticas ativas para o alívio do sofrimento das crianças, adolescentes e familiares.

mento das crianças, adolescentes e familiares.

Também se iniciou um projeto de divulgação chamado Relatos de Rua ou *Diários de la Calle*, com o objetivo de divulgar as experiências que as sociedades psicanalíticas ou grupos de psicanalistas vêm desenvolvendo com setores vulneráveis da comunidade. A divulgação se dará por meio de filmes curtos, relatos de experiências ou cenas de trabalho, que possam ilustrar a atividade realizada e circular no canal de divulgação da FEPAL, através do programa organizado pela diretoria atual. É um espaço para psicanalistas latino-americanos apresentarem suas experiências de trabalho nas ruas e as levarem à comunidade, em rodas de conversa e diálogos; para mostrarem o psicanalista de hoje, inserido nas problemáticas da atualidade, conciliando seu trabalho com o exercício de sua cidadania e buscando traduzir e diminuir as angústias, conflitos, desamparos e perdas que o ser humano enfrenta.

O programa é operacionalizado no contato preliminar com as sociedades federadas de cada país, por meio de seu representante de Crianças e Adolescentes, de Comunidade e Cultura e da Diretoria, visando um levantamento dos trabalhos que vêm sendo desenvolvidos. Posteriormente, os membros da comissão farão contato com os coordenadores correspondentes para solicitar a elaboração de filme que mostre seus trabalhos. Semestralmente o programa avaliará o andamento dos trabalhos.

Além das novidades da Diretoria de Crianças e Adolescentes da FEPAL, a discussão que trago para nosso *Jornal*, em forma resumida, foi apresentada por mim na Associação

Psicanalítica de Guadalajara, México, no I Encontro Inter-regional de Crianças e Adolescentes: “Entre a teoria e a prática psicanalítica na terapia de crianças e adolescentes”. Minha temática foi uma fundamentação teórica, prática e histórica na terapia de crianças com diagnóstico médico-psiquiátrico de Síndrome Autista. À época, fui estimulada por Bernard Golse em seu texto “Sobre o que não podemos ceder”, publicado na *Revista Francesa de Psicanálise* por ocasião da “proibição” aos psicanalistas de atenderem crianças com esta síndrome. Decidi assim construir uma cronologia, em torno de dois eixos: por um lado, fundamentos psicanalíticos em torno do processo de maturação, e por outro, as classificações dos transtornos mentais da Associação Americana de Psiquiatria – AAP.

Faço aqui um resumo de meu trabalho no que toca às classificações dos transtornos mentais, lembrando que, historicamente, enfermidade mental foi definida e classificada por vários critérios. Já na Antiga Grécia, a pessoa que não participava da vida pública era chamada de idiota, e no século XIX, ‘idiotismo’ passou a designar os que não saíam de si mesmos. Por isto, Hochmann, em 2009, falou de “uma história do autismo antes do autismo”.

Em 1840, a América do Norte dividia os problemas mentais em idiotia e loucura e somente em 1869 a Associação Médico Psicológica Americana definiu um sistema classificatório o qual, a partir de 1880, especificou sete categorias: mania, melancolia, monomania, parastesia, demência, dipsomania e epilepsia.

Em 1917, o Comitê de Estatística da Associação Médico Psicológica Americana elaborou a primeira Classificação Internacional

de Doenças (CID); e em 1918 foi editado um Manual de caráter Estatístico e Epidemiológico, com 22 tipos de distúrbios.

Em 1949, a Organização Mundial de Saúde, na CID 6, incluiu pela primeira vez um setor específico para enfermidades mentais, que abrangia psicoses, psiconeuroses e transtornos da inteligência, do caráter e do comportamento.

Em 1952 foi desenvolvido o primeiro Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-I), com utilidade clínica e levando em conta a etiologia das patologias. O manual listou menos de 100 categorias e formalizou o diagnóstico como ferramenta da psiquiatria. Termos como “mecanismos de defesa”, “neuroses” e “conflito neurótico” indicavam a influência da psicanálise na construção do manual. Autismo apareceu como sintoma da Reação Esquizofrênica Infantil.

Naquela época o tratamento predominante era psicanalítico e incluía análise para os pais. Em 1968 o DSM-II listou 182 tipos de distúrbios, sem explicitar descrições diagnósticas. Eliminou-se o termo reação e a Reação Esquizofrênica do DSM-I passou a ser nomeada Esquizofrenia tipo Infantil. Termos psicanalíticos continuavam sendo cada vez mais usados e autismo permanecia como sintoma.

O DSM-III publicado em 1980 listou 265 diagnósticos com critérios que pretendiam ser neutros com respeito à etiologia, porém, representaram um divisor de águas. Justamente quando surgiu Autismo Infantil como subcategoria em Transtornos Globais do Desenvolvimento, o conceito psicanalítico de neuroses foi excluído.

Em 1987, o DSM-III passou por uma revisão e apareceu com 292 diagnósticos. Admitindo inconsistências, o termo “neuroses” foi reinserido, mantendo, assim, uma visão psicanalítica, mas a perspectiva da psicanálise seria abandonada. Autismo Infantil passou a ser Transtorno Autístico (TA) e a Esquizofrenia tipo Infantil desapareceu, com a alegação de que é extremamente rara na infância. Numa segunda revisão, o DSM-III-R apareceu com a expressão Transtorno do Espectro Autista (TEA) e formulou-se o primeiro conjunto de critérios para seu diagnóstico. Espectro Autista tornou-se frequente como diagnóstico psiquiátrico, e se estabeleceu uma aliança entre psiquiatria, terapia medicamentosa e terapia cognitivo-comportamental; um compromisso que transparece nas recomendações da AAP para que esses tratamentos sejam aplicados.

Em 1992, a 10ª Classificação Internacional de Doenças (CID-10) foi publicada como um sistema de códigos, relacionados com a clínica e a investigação, e em 1994 o DSM-IV adotou esses códigos e conceituou cada transtorno mental como síndrome ou padrão comportamental. O Transtorno do Espectro Autista do DSM-III-R passou a ser nomeado de Síndrome Autista; nome dado por Asperger em 1944.

Em 2000, foi publicado o DSM-IV-Revisado, com 297 diagnósticos, incluindo diagnóstico diferencial e achados de laboratório. O manual foi proclamado a-teórico e foi proposto para o ensino da psicopatologia. Afastado das bases psicanalíticas e sob a influência da farmacologia, indústrias farmacêuticas e das neurociências, tornou-se “a bíblia da saúde mental”. A Síndrome Autista se manteve como referência para novos Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGDs), aparecendo os subtipos: Transtorno de Asperger, de Rett e Desintegrativo da Infância.

Em 2013 foi editado o DSM-V, com mais de 300 diagnósticos. Autismo Infantil, Transtorno Autista, Síndrome Autista, Transtorno Desintegrativo da infância, Transtorno Generalizado do Desenvolvimento Não-especificado e Síndrome de Asperger fundiram-se num único diagnóstico: Transtorno do Espectro Autista (TEA). Baseado na conduta observável, o Transtorno do Espectro Autista foi transformado em um transtorno do neuro-desenvolvimento, o que revelou uma tomada de posição de ordem teórica com as neurociências.

Ressalto que Victor Lotter, em 1966, por meio de estudo epidemiológico, relatou um índice de 4,5 crianças com autismo a cada

10.000 crianças de 8 a 10 anos. Em 2014, a epidemiologia apontou 1 em cada 110 crianças de 8 a 10 anos (corresponde a 4,5 em 500).

*Para concluir cito a frase de Donald Meltzer: “A prática clínica é sempre mais avançada que a teoria”. Na prática clínica sempre é necessário repensar, flexibilizar e transformar a técnica além das teorias. Independentemente do que aconteceu, esteja acontecendo ou vier a acontecer entre psicanálise e psiquiatria em relação ao autismo, devemos promover o diálogo com membros da comunidade científica que praticam outras abordagens e, principalmente, com pais e educadores.*

Nas neurociências há consenso generalizado da plasticidade do sistema nervoso e não se pode descartar os fatores orgânicos e genéticos, pois sabemos que atuam com os fatores emocionais de forma permanente e com o desenvolvimento psíquico-afetivo em seu eterno devir. Particularmente, parto da base de que as forças para o desenvolvimento transcendem as forças que o detêm, principalmente quando trabalhamos com a noção de inconsciente.

As crianças com autismo são sementes a serem germinadas, potencialidades que esperam ser resgatadas. São verdadeiros emergentes e muito responsivos ao humor e à atitude de presença do analista. Geralmente entendem muito bem o que se fala com eles. Devemos estar presentes e dispor de nossa subjetividade como instrumento de trabalho, para que possam emergir através de nosso olhar. Temos que reivindicar seu retorno ao desenvolvimento. Devemos promover interesses, curiosidades e imitações, para que saiam de suas relações desvitalizadas e repetitivas, e possam fugir do círculo da não-elaboração. Devemos dar nome a seus sons, como fazem as mães com seus bebês. Quanto mais cedo se inicia o tratamento, melhor. Isto já é, por si, uma linha de trabalho.



*Ana Velia Vélez de Sánchez Osella é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*



# SHAKESPEARE, FREUD E A PERDA

*Roniere Ribeiro do Amaral*

## I

O valor da leitura de “Luto e Melancolia” surgiu para mim pela crescente reflexão sobre o papel da perda em nosso cotidiano: coisas, oportunidades, sonhos e pessoas que se vão. Ocorre-me também: aquilo que não vem – “ficar a ver navios”, assim representaram os portugueses medievais desilusão e frustração. Com esses pensamentos, tive uma experiência surpreendente ao ler uma peça pouco festejada de Shakespeare. Proponho-me aqui a cotejar estética e teoria, considerando textos do dramaturgo e do psicanalista, tendo “perda” como fio condutor.

“Tito Andrônico” é uma tragédia do período inicial da dramaturgia de Shakespeare. Tecnicamente, trata-se de uma “peça de vingança”, repleta de ações sanguinolentas – justamente por isso, peça rejeitada por muitos. De minha parte, ela me interessou por outro aspecto da vida além de vingança e violência: a perda. Tito Andrônico é um velho nobre romano, general vitorioso que é eleito imperador de Roma. Quando entra em Roma vindo de um grande êxito ante os godos, diz, na primeira sentença do personagem: “Salve, Roma, vitoriosa em teus trajes de luto!” Penso que essa saudação encerra todo o problema de Tito: uma Roma que lhe impõe lutos e perdas. Imposição que se complica no momento em que Tito recusa o trono e o entrega ao primogênito do último imperador que, guiado por paixões, nada retribui a Tito, mas lhe priva de quase tudo. A Roma senhora de Tito torna-se seu algoz. Na primeira querela com o jovem imperador, diz para si: “Tito, quando te aconteceu ficares assim só, desonrado e provocado por afrontas?” E numa situação decisiva para o plano de vingança, diz Tito

a seu filho: “...não percebes que Roma é somente um deserto de tigres?” Tito perde o reconhecimento de Roma, vinte e dois filhos em batalhas pelo reino e outro no confronto com o novo imperador. O irmão do general, Aarão, num grande lamento, completa a lista:

*Agora, adeus, toda ilusão! Morre, Andrônico, não descanses. Olha! Aqui estão as cabeças de teus dois filhos, aqui está cortada tua mão marcial; aqui está tua filha mutilada; aqui está teu outro filho banido que este atroz espetáculo tornou pálido e lívido; e eis-me aqui, eu, teu irmão, como uma estátua de pedra, frio e imóvel! Ah! Não quero mais agora moderar tua dor; arranca teus cabelos de prata, descarna com teus dentes tua outra mão, e que este horrível espetáculo feche para sempre nossos olhos miseráveis! Chegou o momento de te encolerizares; por que continuas tão calmo?*

Faltaria a esse personagem shakespeariano o status de “ícone de perdas”: sua representação traria um velho e austero senhor, em traje militar, sem uma das mãos. A história termina de modo absurdamente trágico, exageradamente violento e mórbido. Tito realiza seus atos de vingança, aparentemente, pouco interessado em sobreviver.

## II

Versando sobre “luto e melancolia”, Freud tem a perda como principal causa excitante de ambos – mais concreta num caso, mais enigmática no outro, respectivamente. No contexto do narcisismo, pensar perda é valioso porque encontrar-se privado de algo que

se acreditava possuir é um fenômeno recorrente — que nos lembra ou faz conhecer a realidade de que possuímos muito pouco — e, além de recorrente, doloroso. Além disso, a dor da perda geralmente significa derrota. A perda é a vitória da realidade dissolvendo nossas ilusões de posse e controle, pelas quais nos sentimos íntegros. A perda na melancolia não é tanto a produzida pela morte, mas pelo abandono ou pela ruptura; também pode ser a perda de uma qualidade do objeto amado.

Ante luto e melancolia como reações à perda, lembro-me de que o sistema nervoso é regido pelo “princípio da constância” que pretende controlar a quantidade de excitação, mantendo-a a mais baixa possível. Nesse processo de dominação de estímulos, também atua o “princípio do prazer”. A perda é estímulo externo que mobiliza a mente por meio desses dois princípios. Penso que ambos correspondem ao aspecto egoísta da mente, pelo qual o indivíduo busca vantagens para si — justamente pela dinâmica de se auferir prazer e evitar desprazer ou dor, ou seja, uma espécie de cálculo subjetivo baseado no senso comum. Tanto em luto quanto em melancolia é feito um trabalho, a fim de baixar a excitação nervosa gerada pelo estímulo, a perda.

Pode-se apontar alguns critérios ou pontos de comparação entre luto e melancolia. Enumero-os: desânimo profundamente penoso, cessação de interesse pelo mundo, perda da capacidade de amar, inibição de qualquer atividade, delírio de inferioridade, inconsciência da perda, empobrecimento de objetos, sentimento de vergonha, condição cognitiva, o trabalho de elaboração do estado e condições. A “característica mais marcante”, fator distintivo da melancolia frente ao luto, é a “perturbação da autoestima”. A identificação desse fator altera a característica do quadro de comparação, como que fazendo com que o observador, a partir desse achado, ajuste sua visão para apontar agora as diferenças. Três outros critérios se vinculam ao critério do delírio de inferioridade, a saber: empobrecimento de objetos, sentimento de vergonha e condição cognitiva. Sobre esses dois últimos, observo que, no caso da melancolia,

o próprio indivíduo é objeto de sua crítica. Depreciação do próprio ego é expressão de um aspecto crítico da mente. Sua qualidade cognitiva e sua determinação em assumir diante de outros seus defeitos morais nos levam a considerar uma instância adicional chamada de “consciência”. Aqui manifesta-se um aspecto topográfico da melancolia. Outro aspecto da topografia da melancolia tem importância crucial para o entendimento desse estado mental. Na verdade, é numa outra instância, que não aquela do agente crítico, que ocorre um fenômeno fundamental não somente para a melancolia, mas para o entendimento da dinâmica dos instintos. O *topos* é o inconsciente e sua relevância aqui é ser o foro da ambivalência (amor e ódio pelo objeto perdido).

Além desse aspecto topográfico, destaca-se um aspecto dinâmico, em que a libido serve ao estabelecimento de uma *identificação* do ego com o objeto perdido; a reprovação do objeto torna-se reprovação de si. É justamente em razão da *identificação* — fator-chave para o rumo da doença — que o critério “empobrecimento de objetos” é qualificado como “perda do ego”. A *identificação* revela para o destino da libido quando foi retirada do objeto: voltou-se para o ego. Trata-se de uma *regressão* de um tipo de escolha objetual para o narcisismo original”. Na instância de crítica, um tribunal, o ego ali sentado representa o objeto com o qual ele se identificou e que ele odeia e ataca.

Contribui para o entendimento da especificidade da melancolia considerar dois outros critérios: trabalho e condições. No luto, as condições para sua realização são perda de objeto, retirada da libido e substituição do objeto. As condições da melancolia são: perda de objeto, ambivalência e regressão da libido ao ego. A melancolia destaca-se do luto pela perturbação da autoestima e suas implicações.

### III

Tito negava loucura, mas seu irmão Marcos apontava seu delírio. Seria ela forma de

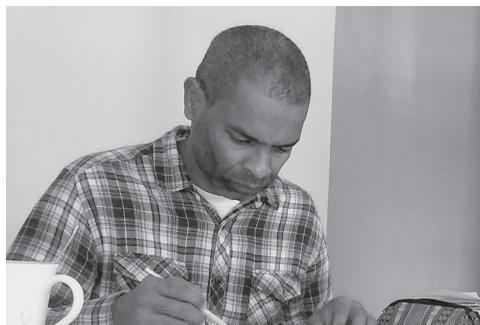
trabalho de luto ou uma reação específica à perda, ao lado de luto e melancolia?

O cotejo entre estética e teoria dá oportunidade de se estender a reflexão teórica. Freud estava interessado em pensar o estado patológico da melancolia; eu, interessado em pensar a perda. Parece-me que, nesse cotejo, não vemos uma personagem em mero luto, muito menos em melancolia. As injustiças que sofre acendem em Tito o ódio unívoco (sem ambivalência) contra seus algozes. Esse ódio manifesta-se num apetite de vingança<sup>1</sup>. Tito mata a própria filha mutilada, violada pelos filhos da nova imperatriz. Tito não substitui objetos, ele destrói, juntamente com seus inimigos, todos os objetos. Não tem mais perspectivas de vida em Roma, não naquele governo. A sede de vingança é contrária a qualquer inibição. Seu agir é abundante e destruidor, mas calculado. O que parece, então, se agigantar em Tito é a severidade de um superego, pois o apetite de vingança é análogo ao apetite do direito. Paixão análoga à razão. Como não havia mais direito para Tito, sob uma Roma tirânica, restava-lhe recorrer à vingança. A sombra do objeto não cai, aí, sobre o sujeito. Aqui não posso avançar mais em especulações sobre a dinâmica e a topografia da vingança, mas só anunciá-la, por conjectura, como mais uma reação estruturada (inerente à natureza humana) à perda. Também pode-se perceber que o fato de a sombra do objeto não toldar o delírio vingativo do sujeito nos remete a uma posição de unilateralidade e absoluta cisão que reduz o outro e uma cisão que separa o sujeito do outro, contrapondo injustiçado e algoz, perseguidor objetivo. O superego é o “tu deves” que comanda o ataque. A mente de Tito, militar, já estava condicionada a gerar essa reação diante da perda.

Se em estética Tito seria o ícone da perda, em psicanálise ele seria a representação do aspecto do animal humano, instância de paixões agressivas, que em conluio com a racionalização moralista do superego, organiza e conduz ação de retaliação contra quem parece lhe infligir perdas. Diante da perda, podemos ser um Tito.

#### (ENDNOTES)

1 - Minha reflexão sobre vingança está apoiada em Nuria S'ánchez Madrid, “Kant e Freud sobre o superego: apetite de vingança, princípios do direito e sentimento do sublime”, in Revista *Ethic@*, Florianópolis, v. 11, n. 3, p. 203 - 225. Dez. 2012, p. 207. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ethic/article/viewFile/1677-2954.2012v11n3p203/23923>



**Roniere Ribeiro do Amaral** é membro do Instituto de Psicanálise Virgínia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

# THOMAS MANN

## CONSIDERAÇÃO E AFETUOSIDADE A SIGMUND FREUD

**Carlos de Almeida Vieira**

*“A confluência dessa história (José) com as ideias acerca da ‘vida vivida’ e com o modelo mitológico apresentado em sua conferência fez surgir em mim uma construção que aproveito como ensejo para entabular uma conversa com o senhor, como se o senhor estivesse sentado diante de mim em meu gabinete, mas não quero com isso receber uma resposta cordial ou mesmo uma apreciação de sua parte. Eu mesmo não levo essa tentativa a sério, mas ela tem uma certa atração para mim, como o estalido do chicote para o antigo cocheiro”.*

*Fragments da carta de Freud a Thomas Mann, Viena, 29/11/1936.*

Nos anos de 1925, 1929 e 2002, foram publicados três ensaios de Thomas Mann: *Minha relação com a psicanálise*; *O lugar de Freud na história do espírito moderno* e *Freud e o Futuro*, todos traduzidos e publicados em 2015 pela Zahar Editora. Nota-se, dessa maneira, a estreita familiaridade do escritor, romancista e crítico literário com a obra de Freud, mostrando a importância da psicanálise como um pensamento moderno, revolucionário, terapêutico e de pesquisa sobre a realidade psíquica, e também a relação e intertextualidade da psicanálise com a literatura. “Se me perguntassem qual das contribuições ousadas e inovadoras de Sigmund Freud para o conhecimento do homem me causou mais forte impressão, e qual dos seus escritos literários me vem à mente quando se menciona seu nome, eu diria, sem pestanejar, o tratado em quatro partes *Totem e tabu*, no décimo volume de suas Obras Completas”,

afirma Thomas Mann, quando escreve sobre a importância do pensamento freudiano na história do espírito moderno.

Thomas Mann alertava que as ideias de Freud realmente tinham um ponto de ligação com a história das ideias nos séculos XVIII, XIX e XX, momento no qual os filósofos, cientistas e escritores se debatiam com os conflitos entre o racionalismo, o intelectualismo, o classicismo e o romantismo, principalmente no que tocava “ao lado escuro da natureza e da alma”, ou seja, às questões referentes a tudo que dizia respeito à vontade, paixão, o inconsciente. Ou, como Nietzsche enfatizou: “o sentimento” perante a “razão”. Freud aparece na cena como um “revolucionário”, e salienta Thomas: “A palavra revolucionário aparece aqui num sentido paradoxal, inverso à lógica costumeira, pois enquanto estamos habituados a ligar o conceito de revolucionário àqueles poderes

da luz e da emancipação da razão, à ideia de futuro, portanto, aqui a mensagem e apelo vão na direção oposta, a saber, na direção do grande retorno ao lado noturno, ao sagrado-primordial, ao pré-consciente prenhe de vida, ao seio materno mítico-histórico-romântico. Essa é a palavra da reação”.

Uma pessoa de suma importância nesse momento foi Novalis, pseudônimo de Georg P. Friedrich von Hardenberg (1772-1801). Formado em direito e pensador representante do primeiro romantismo alemão, criador da *Flor Azul*, um dos símbolos mais duráveis do Movimento Romântico. Novalis já escrevia sobre o inconsciente aflorar à consciência e contribuir dessa maneira, para um conhecimento mais profundo do ser humano. No encadeamento dessas ideias, Thomas Mann, estudando as obras de Freud, reconhecendo suas ligações com a literatura, começou a ter um respeito e consideração pela psicanálise e pela pessoa do seu fundador, Sigmund Freud.

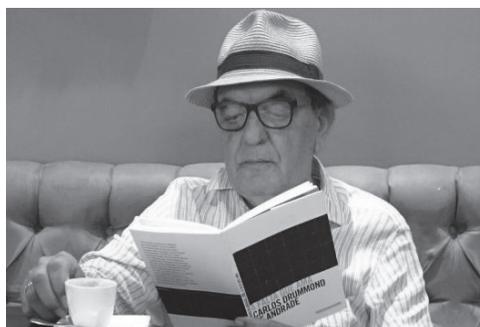
*Freud e o futuro* torna-se dessa maneira um escrito homenageando com muito respeito e muito afeto a pessoa de Freud. Segundo o autor, o fundador da psicanálise criou uma terapêutica e um método de investigação, ainda que sofrendo muito em solidão, “de uma maneira autônoma em sua condição de médico e cientista natural, desconhecendo os meios de consolo e confirmação que a grande literatura poderia lhe ter proporcionado”. Freud não conheceu Nietzsche nem Kierkegaard, mas já estava antecipada nas obras desses filósofos uma noção fundamental, como Thomas Mann enfatiza em seu ensaio: “o senso da doença, ou mais exatamente, da doença como meio de conhecimento; também poderíamos derivá-la de Nietzsche, que sabia muito bem a que devia sua doença, e que parece ensinar a cada página que não há conhecimento profundo sem a experiência da doença, e que toda saúde superior tem de passar por ela”.

É nesse ponto que vemos uma familiaridade de Freud com o escritor alemão. Se olharmos para os aspectos autobiográficos contidos tanto em *A montanha mágica* quanto em *A interpretação dos sonhos*, ambos os autores partiram de sua própria “doença”, descobrindo dessa maneira as nuances das forças do inconsciente no pensamento humano. Tanto no romance como no texto psicanalítico existe um fato evidente: são elaborações da autoanálise de cada um: Hans Castrop, personagem de Thomas, quando procura ouvir do psicólogo do sanatório, Dr. Krokowski, questões sobre os afetos; e o próprio Freud em

sua correspondência com Fliess revelando sua viagem interior ao mundo dos conflitos edipianos. Malcolm Bradbury, em seu livro *O Mundo Moderno – dez grandes escritores* (Cia. das Letras, 1989), faz um belo ensaio sobre Thomas Mann, no qual afirma: “Mas Hans Castrop estava mesmo desencantado com o mundo da planície, o mundo prático do dinheiro, que agora começa a lhe parecer cruel e indiferente”. Essa foi a grande crise do escritor, que o levou a considerar os sentimentos e afetos tão importantes quanto a razão, o iluminismo radical.

Não é por acaso que Mann se aproxima das ideias de Freud, e chega a afirmar em *Freud e o futuro* que “sua descoberta do enorme papel que o inconsciente, o ‘isso’, o id, desempenha na vida psíquica do homem foi e é tão escandalosa para a psicologia clássica, segundo a qual consciência e vida psíquica são uma e a mesma coisa, quanto a doutrina da vontade de Schopenhauer foi para toda a crença filosófica na razão e no espírito”. Do outro lado, encontramos uma singela carta de Freud a Thomas Mann, de 29 de novembro de 1926, onde ele revela o peso que teve a visita do escritor, nele, Freud, principalmente numa obra clássica da História de José, lamentando não ter terminado de lê-la.

Enfim, deixo nesse escrito o incentivo ao leitor para pesquisar, confrontar e estudar as relações profundas que existem entre a literatura e a psicanálise, o descobrimento da vida afetiva, do humano além da razão em suas leituras freudianas, e a repercussão que estas questões tiveram em Thomas Mann, a ponto de afirmar: “Já não é de hoje que a psicanálise é parte essencial da composição poética de todo o âmbito de nossa cultura, e não só modificou o seu aspecto, como continuará possivelmente a influenciá-la de maneira crescente”.



**Carlos de Almeida Vieira** é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília e membro titular e professor da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

*A Sociedade de Psicanálise de Brasília homenageia nesta edição o analista didata, supervisor e professor Felix Gimenes, falecido em julho de 2017. Ao lado de Virgínia Bicudo, Gimenes participou ativamente, entre 1975 e 1985, da fundação e consolidação da SPBsb e do Instituto de Psicanálise. Nossa gratidão e reconhecimento pelo seu trabalho e dedicação ao grupo Brasília.*

# HOMENAGEM A FELIX GIMENES

***Tito Nícias Rodrigues Teixeira da Silva***

Para podermos situar melhor a importância de Felix Gimenes para nossa Sociedade é necessário voltarmos ao passado e saber como e porque ele surgiu entre nós. Ao repetir aspectos de nossa história, temos a oportunidade de conhecê-la melhor e refletir sobre os principais fatores que marcaram a gestação, o nascimento e o desenvolvimento de nossa Sociedade.

Tudo começou quando Virgínia Bicudo estava em Londres, no período de 1955 a 1960, onde frequentava a Sociedade Britânica de Psicanálise, a Tavistock Clinic e reuniões na casa de Melanie Klein e, de lá, acompanhava pela televisão a construção de Brasília. Empolgada com a construção da nova capital, ela sonhou que poderia também dar uma contribuição, trazendo a psicanálise para cá. Alimentando seu sonho, compareceu a uma recepção em homenagem ao presidente JK na Embaixada Brasileira em Londres e, com certeza, deve ter comentado com ele sobre seu projeto para Brasília.

Em 1960 voltou para São Paulo e assumiu a direção do Instituto de Psicanálise da SBPSP onde, devido à excelência de seu trabalho, permaneceu por mais de dez anos. Em 1970 veio para Brasília e começou a formar o primeiro grupo de psicanalistas. Era a primeira vez, em todo o mundo, que uma Sociedade formava psicanalistas em local distante da sede. Como era uma experiência pioneira, tal como a construção de Brasília, havia toda uma expectativa sobre o êxito da mesma e de sua aprovação pela SBPSP, ABP e pela IPA.

Análise, aulas e supervisões, todas semanais e via ponte aérea Brasília-São Paulo. Virgínia contou com a sustentação de um trio encantador, harmônico e sem conflitos: o polonês Gecel Luzer Sztterling, o italiano Armando Ferrari e o argentino Cesar Augusto Otalagano. Eles foram os nossos professores e supervisores na difícil e ansiogênica fase inicial de construção de nossa identidade institucional. Foram espetaculares, sob todos os aspectos! Virgínia era, além de analista, a procuradora do Instituto de Psicanálise da SBPSP.

Finalmente veio o reconhecimento da experiência e a aprovação da mesma pela SBPSP, ABP e IPA e isto colocou Brasília no mapa mundial da psicanálise. Reflexos disto: a Jornada com Bion aqui realizada durante um mês em 1975 e que atraiu psicanalistas de todas as Sociedades Brasileiras de então. O sucesso foi duplo: o da Jornada frente a todos os psicanalistas e o de Brasília com Bion que chegou a pensar em se mudar para cá. Em seguida, dentre outros, aqui estiveram: André Green em 1976; Eric Brenman e Irma Pick em 1982; Isabel Menzies em 1983; Horacio Etchegoyen também em 1983; Betty Joseph em 1988; Otto Kernberg, à época presidente da IPA, e que em 1988 escolheu Brasília como uma das quatro cidades que visitaria no Brasil; ainda em 1988 Dra. Elizabeth Bianchedi. Em 1989 realizamos uma Jornada Brasileira de Psicanálise no Hotel Nacional.

O êxito da experiência da então chamada Sede Brasília da SBPSP levou outras Socieda-

des, aqui e no resto do mundo, a seguirem o nosso exemplo. A procura por formação passou a ser tão grande, incluindo também Goiânia, que levou Virgínia a buscar solução para tamanha demanda. Foi quando chegou Felix Gimenes, em 1975, que ficaria conosco até 1985. Durante esse período ele acompanhou a formação de seis turmas, desdobrando-se como analista didata, supervisor, professor e 43 colegas conviveram com ele. Não há dúvidas de que Felix Gimenes está impregnado no DNA de nossa Sociedade. Ele foi o quarto elemento essencial com que contou Virgínia Bicudo, os três que já citei, imprescindíveis na fundação da Sede Brasília, sendo que Gimenes também o foi na sua consolidação.

*E quem era Felix Gimenes? Passamos então a conviver e a nos conhecer, nós a ele e ele a nós. Nos primeiros tempos Gimenes trabalhou no meu consultório e lá continuou até mudar-se para uma casa no Lago Sul, onde passou a trabalhar. Naquela época trabalhávamos no Setor Comercial Sul, Edifício José Severo, sala 206. Gimenes era uma pessoa suave, doce, muito cuidadoso e educado, de fácil relacionamento e firme quanto aos seus valores, muito verdadeiro. Tinha facilidade de falar das coisas mais difíceis de uma maneira suave, mas firme. Transmitia tranquilidade. As pessoas se sentiam muito à vontade na relação com ele. O resultado era um clima de liberdade que estimulava as pessoas a falarem sem receio e com a certeza de serem ouvidas com atenção e respeito.*

Para estudar, ele gostava de ler o texto junto com o grupo. Mais demorado, porém muito mais profundo. Com ele fiz várias supervisões e apresentei meu primeiro relatório sob sua supervisão. Gimenes chegou no ano em que Bion esteve aqui e foi um entusiasta de suas ideias, tendo desempenhado papel importante na divulgação do pensamento bioniano. Após a estada de Bion houve um Congresso no Rio no qual Gimenes fez uma supervisão coletiva. Ele pediu ao analista que apresentaria o material clínico que apenas informasse o sexo e a idade da paciente. Nenhum outro dado. Esta atitude provocou uma reclamação generalizada no auditório, os analistas queriam saber dados da história da paciente: como começou, há quanto tempo, queixas e sintomas, quantas sessões por semana etc. Gimenes não permitiu nenhuma outra informação, apenas o material da sessão. Queria demonstrar a maneira bioniana de trabalhar: sem memória, sem desejo e o foco na experiência emocional. Aos poucos, sua abordagem do material mostrou-se tão

produtiva, instigante e reveladora, que levou o analista apresentador a várias associações com material pretérito cujo significado passara despercebido. O pensamento de Bion era recente entre nós e estava sendo elaborado aos poucos. Gimenes foi dos primeiros a digeri-lo e a semeá-lo com êxito. O foco na experiência emocional é difícil, exige sensibilidade e é algo a ser desenvolvido em cada psicanalista. Gimenes o fez de maneira brilhante!

Sua estada entre nós durou até 1985, então retornou a São Paulo, deixando marcas indeléveis de sua passagem por aqui e na história de nossa Sociedade.

Virgínia voltou para São Paulo em dezembro de 1984. Em menos de um ano tivemos duas grandes perdas. Como fomos capazes de sobreviver a isto?

Todos sentimos o peso e a responsabilidade de cuidar do legado de Virgínia Bicudo. Cada um contribuiu da melhor maneira que pôde. Quanto a mim, Virgínia indicou-me para ficar em seu lugar. Eu havia sido o secretário da Sede Brasília de 1976 a 1982; tornei-me então o procurador de 1985 a 1990, mantido no cargo por três Diretorias seguidas da SBPSP. Em 1994, fomos promovidos pela IPA a Grupo de Estudos de Psicanálise de Brasília, o GEPB. Fui eleito presidente na gestão de 1997/1998 e representei o GEPB na Diretoria da Associação Brasileira de Psicanálise, atual Febrapsi, como diretor do Conselho Profissional, de 1998/1999.

Apesar de todas as dificuldades fomos capazes de sobreviver e, com trabalho e dedicação, subemos cuidar da contribuição que Virgínia Bicudo sonhara em deixar para Brasília. Subemos valorizar tudo que recebemos de Felix Gimenes. Continuamos evoluindo até passarmos a Sociedade Provisória em 1999 e a Sociedade Definitiva em 2004. Fomos capazes de manter o barco no rumo certo, até hoje.



*Tito Nícias Rodrigues Teixeira da Silva é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# LICÇÕES DE SIMPLICIDADE

*Márcio Nunes de Carvalho*

Muito me honra o convite para participar das homenagens de nossa Sociedade ao Dr. Gimenes, psicanalista didata da terceira turma de formação da qual participei quando ainda éramos Sede-Brasília da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.

Escrevo este texto procurando apenas olhar para a convivência que com ele tive nos anos 70 e 80 e está registrada em minha memória com razoável nitidez. Uma convivência onde pude conhecer de perto sua generosa disponibilidade para conversas que estimulavam o interlocutor, graças a uma mente curiosa que se debruçava sobre os mais variados assuntos, deixando claro que para ele não havia nada na vida sem importância.

Nossa convivência se iniciou “ali” no Setor Comercial Sul onde o vi pela primeira vez, quando me recebeu para uma entrevista inicial de terno e gravata, um verdadeiro paulistano daquela época, e que depois de uma conversa rápida naquele primeiro encontro acertamos o início da análise didática. Logo foi se mostrando mais informal, deixando a gravata, depois o paletó, e com isto já sinalizando para sua forma flexível de lidar com questões de *setting*, ajustada e adequada às circunstâncias de sua transição de São Paulo para Brasília – que levou um certo tempo –, mas sempre sem perder o foco analítico.

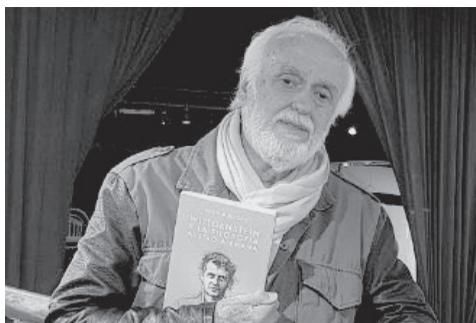
Mostrou desde o início um fôlego de dar inveja pela sua capacidade de trabalho e, principalmente, como um dedicado estudioso da psicanálise, com a qual mantinha uma relação de profundo respeito.

Quando encerramos a análise didática pude participar de um grupo de estudos de Bion em sua casa e, por conta de algumas afinidades, nos aproximamos socialmente. Conheci sua família e, em particular, Dona Odiseia, sua esposa e companheira, sempre e intensamente presente em sua vida. A ela devo muitas boas conversas durante um bom período de tempo.

A passagem de Dr. Gimenes pela nossa Sociedade confirmou a feliz escolha da professora Virgínia Bicudo ao convidá-lo para aqui se radicar. O envolvimento de Dr. Gimenes com Brasília felizmente aconteceu, superado, como penso, um possível choque inicial frente a uma cidade que instiga, assusta, fascina, reconhecidamente desconcertante pelo modo de vida fora dos padrões usuais, mas propiciadora de imprevisíveis e desafiadoras experiências. Ele, seguramente, não se assustou diante dos desafios que sabidamente o esperavam.

E assim, pouco a pouco, num ritmo próprio caracterizado por muita calma e paciência, foi dando sua enorme contribuição para o desenvolvimento da psicanálise nesse interior do Brasil tão distante da vida e da cultura de São Paulo, um interior-sertão que escondia riquezas e veredas acolhedoras. Penso que Dr. Gimenes, sem dúvida, soube muito bem disto.

Quer como analista didata, supervisor, membro da Sociedade ou simplesmente nos presenteando com sua sofisticada simplicidade e amizade, deixou-nos em sua passagem por Brasília a lembrança de uma pessoa íntegra e sábia. Um pilar, juntamente com a professora Virgínia, na construção de nossa Sociedade, Dr. Gimenes nos legou, sobretudo, muitas boas lições de vida.



*Márcio Nunes de Carvalho é membro titular e analista didata da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# TRIBUTO A GIMENES

Luciano Lório

Fiquei sensibilizado com o texto de Márcio Carvalho, “Felix Gimenes, lições de simplicidade”. Márcio sintetizou com maestria nosso convívio com Gimenes, a conjunção constante de simplicidade e verdade.

O primeiro nome Felix nem era lembrado; Gimenes sem Doutor, esse era o nome, tipicamente espanhol, que despertava nossa curiosidade. Seria argentino? Não, nem de longe. Seria espanhol? Um paulista espanhol? E a falta do dedo indicador direito, o que teria sido?

Hoje, o Google teria satisfeito, ao menos em parte, nossa curiosidade. Mas, o desconhecimento da origem e da história do analista favoreceu a expansão do imaginário e, no clima de mistério, as fantasias nos levaram ao conhecimento de nós mesmos.

*Tinha um sorriso discreto; para alguns seria seco; para mim era verdadeiro, ele era avesso à sedução. Era o que era, dedicado ao seu ofício, nada de aparências. Falava com simplicidade e sensibilidade, sem escancarar teorias. Uma conversa íntima e fluida. O foco era a realidade psíquica e nada mais interessava.*

Houve períodos em que fazíamos duas sessões ao dia durante 15 dias seguidos. Inicialmente nos pareceu impossível ter assunto para tanto. O fato é que eu saía da sessão da noite com a cabeça a mil; infinitas associações...

Quando Gimenes chegou em Brasília, encontrou um grupo de psiquiatras e psicanalistas, ávido de análise pessoal. Ele ainda não era didata, e por esse motivo não entramos na segunda turma de formação. Eu estava tão empolgado com a minha análise, que esperar pela terceira turma foi um fato natural. A formação viria a seu tempo.

Nessa época o país vivia uma grande desordem na economia. A inflação era terrível e sacrificava os brasileiros. As passagens de avião eram reajustadas quase mês a mês. Aí vinham os reajustes das sessões. Eram momentos tensos e de difícil aceitação. Uma coisa é saber a realidade, a outra é lidar com as emoções. Tentávamos repassar os reajustes para os nossos pacientes. Outro campo de batalha. Custear a análise não foi fácil, mas, viver com entusiasmo a descoberta de potencialidades psíquicas não tinha preço. Lembro-me da sensação de liberdade quando me dei conta de que era possível pensar, imaginar, fantasiar

as coisas mais loucas sem enlouquecer.

Antes de Virgínia, na década de 60, alguns psicanalistas vieram a Brasília pensando em se instalar aqui. Mas Virgínia, desde Londres, já tinha esse sonho e em 1970 veio pela primeira vez. Penso no modelo da fecundação: não é o primeiro espermatozoide que chega aquele que entra no óvulo. É preciso algo mais. Foi para nós um encontro fértil. Depois, outros psicanalistas estiveram rodeando a professora. Visitavam a cidade, conversavam com ela, que me perguntava: o que achou desse? Eu nem sabia o que dizer. Ela dizia: esse não. Não vai dar certo. Já tenho uma pessoa. Acho que vai dar. E deu certo. Era o nosso analista, Felix Gimenes, que trouxe a consolidação da psicanálise em Brasília, naquele momento histórico.

Quando encerramos a análise, ficou um gosto de quero mais. Criamos um grupo de estudos de Bion: a Márcia, a Maria Helena, o Márcio, o François, e eu. Interessante é que era o mesmo Gimenes: calmo, ponderado, cuidadoso, sério, minucioso.

Veza por outra, Odisseia, sua mulher, me dizia: peça aos seus colegas para não fumarem durante a reunião. A fumaça faz muito mal a ele.

No último ano, estive com Gimenes algumas vezes. Aos 96 anos, a memória recente falhando, mas a passada, em muitos aspectos, preservada. O olhar continuava penetrante e atento, produzindo em mim um reencontro com o trabalho psíquico de lidar com a finitude.

Nossos agradecimentos ao querido e sempre lembrado Gimenes. A Odisseia, que sempre deu força à decisão da mudança para Brasília e empreendeu com coragem a construção da casa da QL 14, nosso segundo ponto de análise.



Luciano Lório é membro titular da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

# MATERNIDADE: EMOÇÕES, TURBULÊNCIAS, DESAFIOS...

*Daniela Boianovsky*

Trinta anos atrás, grávida da minha primeira filha, tomei um susto quando, em torno dos sete meses de gestação, topei com o inexorável: o bebê que crescia ali, em breve teria que sair! Não que não soubesse disso desde o primeiro instante, mas a realização de que o parto se aproximava aumentava as minhas angústias e expectativas, tornando-as mais visíveis: o desconhecido que se aproximava era não só o desafio da maternidade, mas o parto em si. "Como seria o parir? Saberia o que fazer? As dores seriam suportáveis?" Lembrei, brincando comigo mesma, que não estava sozinha, que aquele era um processo de toda a humanidade, sendo, cada um de nós, resultante da coragem de nossas mães.

Foi aí que um segundo pensamento surgiu: não estava mesmo sozinha, estava com meu bebê, juntos, lidaríamos com aquele desafio (nossa primeira separação!), trabalharíamos como uma dupla naquele parto, senti que nos ajudaríamos. Não estava mais tomada pelo medo, mas pela fé e pela curiosidade, pelo desejo de conhecer minha filha, tê-la nos meus braços. Quatro semanas antes do previsto (não à toa, talvez) ela nascia num parto normal, tranquilo – dores fortes, mas suportáveis – em que me vi transbordada por uma emoção inesquecível, um amor até então inimaginável, fundante: nascíamos eu e ela, mãe e bebê.

Revisitei essa história quando escrevia um cartão de despedida para essa mesma filha, que, prestes a embarcar para Israel – país que escolheu para viver e construir um novo rumo profissional – nos lançava em mais um belo desafio.

Tantos foram os "partos" que tivemos que elaborar juntas em nossa história, como o desmame, a primeira escola... e, agora, este que se apresentava como mais uma separação tão necessária e saudável, desejada por nós duas: a filha que, adulta, segue o seu caminho. Fácil, né? Claro que não! Saudável, necessário, mas também doído. As "contrações", dessa vez, eram difusas, carregadas de novas abstrações, novos significados.

Ao mesmo tempo orgulhosa por vê-la tão cheia de coragem e garra em busca do seu desejo, vi o quão difícil era escrever "siga seu caminho" sem me debulhar em lágrimas, uma vez que este caminho implicava na sua mudança para o Oriente Médio, a léguas de distância...

Foram vários os ensaios, momentos que serviram para uma rica elaboração de meus próprios nós, fantasmas, ambivalências e angústias que cabiam a mim digerir, não queria transpor para o cartão – que acabou transformando-se numa carta – aquilo que poderia soar como um "muro das lamenta-



ções”. Minha filha estava sendo capaz de fazer uma mudança que refletia sua escolha por um novo caminho profissional, estava disposta a mergulhar num universo desconhecido, a assumir riscos, assim como realizar o seu desejo de quebrar, de fato, a casca e conquistar plenamente a sua autonomia. Eu precisava processar um turbilhão de sentimentos: estava feliz por vê-la tão determinada, esperançosa com as perspectivas de seu projeto, excitada com a ideia de que aquela escolha poderia trazer uma apropriação mais significativa de parte da minha própria história, ou seja, uma vivência mais vigorosa em relação à cultura judaica; mas também estava assustada com a radicalidade do voo a que ela se propunha, preocupada com as dificuldades que surgiriam na sua adaptação ao novo país, além de me ver tomada por uma falta que se anunciava e já inundava cada veia de meu corpo.

E então, algo que já sabia, ou pensava saber, surgia com a clareza de um insight entre as muitas vezes que parei de escrever por não enxergar o papel atrás das lágrimas que teimavam em escorrer: aquela dor me dizia que era preciso me reinventar, redescobrir minhas asas e, como ela, alçar novos voos. Não são apenas os filhos que precisam romper a casca, vi o quanto podemos nos enredar se não nos atualizarmos em nossa função materna, se não pudermos abrir mão do antigo ninho e inaugurar espaços para “chocar” o novo, criar e fertilizar novos frutos, novas “funções”. Eles e nós crescemos, amadurecemos e envelhecemos, cada qual em seu passo, território e subjetividade. Se não toparmos esse desafio, a alternativa será adoeceremos (juntos, provavelmente). Estávamos, assim, unidas, dessa vez nos ajudaríamos naquele “parto” através do reconhecimento mútuo e profundo do quanto nossas asas precisavam bater em suas próprias direções.

Esse caldeirão de emoções e reflexões feria na semana do seu embarque. Mala quase pronta, conferência dos últimos detalhes, documentação em dia, decolagem à vista. E aí foi a vez dela se ver com aquele natural frio na barriga, de se assustar com a proximidade e concretização da mudança de tamanha envergadura, de ficar com a sensibilidade à flor da pele diante de tantas separações que viriam a seguir (sim, enquanto eu me deparava com uma separação, ela iria estar longe não

só de seus pais, sua irmã, avós, da família em geral, como também dos seus muitos amigos queridos). Foi importante, então, deixar minhas angústias de lado e reassegurá-la com firmeza em sua escolha, reafirmar minha sincera confiança em sua capacidade para lidar com os obstáculos à frente, meu orgulho por vê-la tão corajosa e autêntica consigo mesma, disposta a usar de toda a perseverança e tolerância que seriam necessárias para construir seu caminho no novo país, sem esquecer, é claro, que a qualquer momento, se fosse preciso, haveria o caminho de volta.

Hoje, pouco mais de um mês após o seu embarque, em cada relato que ela nos faz sobre seus enfrentamentos e conquistas, em cada obstáculo vencido, na alegria e entusiasmo com que nos conta por estar, finalmente, trabalhando no seu campo de interesse, vejo o quanto valeu a pena termos enfrentado nossos medos, ter vivido cada lágrima de nossa saudade já instalada, cada arrepio pelo tamanho da sua ousadia. A cada encontro que ela registra com parentes meus que não vejo desde a minha infância, me emociono com o potencial de resgate de minhas raízes que a sua escolha por Israel vem confirmando. O que era dor e falta se traduz agora na viva expectativa pelo nosso reencontro, na saudade parceira de uma forte torcida e da vibração diante das novas perspectivas.

Mais uma vez estamos, eu e ela, em nosso paradoxo, próximas em nossa separação. Aliás, não há outro modo para estarmos verdadeiramente com o outro, seja na mesma cidade, no mesmo endereço ou em continentes longínquos, senão separados por nossas individualidades, pelo reconhecimento e respeito à subjetividade de cada um, não é mesmo?



*Daniela Boianovsky é membro do Instituto de Psicanálise Virginia Leone Bicudo da Sociedade de Psicanálise de Brasília.*

# MENINA VESTIDA COM ROUPA-CAIXA DE PAPELÃO

**Keyla Carolina Perim Vale**

*Ver era um medo de ir embora ou olhar para sempre.*

*(Homens imprudentemente poéticos, Valter Hugo Mãe, 2016)*



Menina pequena, mas grande o suficiente para segurar uma caixa de papelão maior que ela! Era sexta, só uma família: uma mulher e duas meninas – uma no chão, outra no colo e talvez uma no ventre, por que não?! Eu passava e elas seguiam: pela rua e na avenida. Papel torto, desengonçado e sem cabimento... a garota passa, quase finge que não vê e volta! Ela olha de perto e logo toca... toca e veste... enfia-se dentro do papelão como se veste uma roupa, de cima para baixo: sem botão, sem arremate, sem *ajour!* A roupa-caixa agora está encaixada e a menina anda-dança... Não enxerga, onde está? Sua mãe arrasta o carrinho de trecos que não valem pagamento, trecos recolhidos na avenida, no chão da rua, na calçada da vida!

A menina fica para trás, tentando se ajeitar na roupa-caixa... e deu vontade de gritar: “Ei, a menina está ali!”... Só eu enxerguei? Também, que diferença tem? Fui passando e olhando para trás, e olhando... E a menina vestida, só ela estava realmente vestida. Correu: olhando por cima da roupa-caixa vestida, com o papelão quase aberto, escorrido; tropeçando sobre os pés de chinelo sujo, o papelão esquecido no monte, descabido... Corre! Corre! Senão você fica... presa na rua e perdida na avenida. Até onde olhei, por cada fresta de carro e correria de gente, enxerguei a menina vestida. Queria um papelão assim...

Pareceu que a chuva iria voltar, mas não voltou... nem a menina! Onde está? O que é? Guarda meu guarda-chuva e meus papéis, pois até este instante eu não sei o que é vestir uma roupa-caixa de papelão... Guardo-me

com as palavras e a menina brinca com suas vestes: óleo que mancha, água que escorre, bracinho que alcança! Volta, menina! Não apareceu ninguém aqui... Fico esperando para te ver de novo na rua, na avenida: solta, livre, vestida!

(...)

A menina, também menino e também adulto, levou a roupa-caixa de papelão para a vida... correu sempre para alcançar o hiato do tempo e do espaço dos passos... A caixa se transformou na pele que, aquecida e marcada, fez o registro do desejo de ir, de ter passado por aqui e de ter esquecido o pagamento. Pode seguir... e eu? Eu ficarei aqui: lembrando da caixa, da dança, da dor e do risco de quase ficar para trás e de correr, correr... Até! A gente se vê na sexta... Você traz o seu papelão-pele, me apresenta o seu sonho e eu, sem te conhecer no dentro/fora, guardo a sua estória no canto-seu de meu lugar, de minha vida!



**Keyla Carolina Perim Vale** é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Goiânia.

# ESCREVO-LHE PARA ALIVIAR A MINHA DOR...

**Cláudia Carneiro**

Cara amiga,

Decidi escrever-lhe na tentativa de aliviar a sua dor, a de uma mãe que dorme o sono cansado das mães e acorda com a notícia de uma doença crônica diagnosticada no filho. Agora o mal-estar súbito da última semana está esclarecido: serão dias incontáveis de monitoramento dos níveis de açúcar no sangue, noites longas em vigília, sonhos interrompidos pela ameaça de uma hipoglicemia, hiper, seja lá o que for, a vida a lançou num estado sombrio de solidão, de mãos dadas com seu filho.

– Mãe, eu odeio essa história de não poder comer pão! Que droga!

– É uma droga mesmo, filho. Eu também odeio essa história, mas a gente vai aprender a conviver com isso. Juntos!

De fato, podemos estar com o outro e nos identificar com o seu sofrimento – e agora descubro que lhe escrevo para aliviar a minha dor! Mas solidão não é coisa que podemos escolher ou afastar. Sentimos. Porque somos seres solitários. E quando vem de impacto, de rasteira, solidão não tem antídoto que neutralize o sentimento de desamparo, da falta. Ironia do destino humano: a solidão é nossa companheira na *insustentável leveza* da condição de existir. Nos sucessivos reencontros com a perda: a doença, a separação, a morte.

Você soube que o governo britânico acaba de criar um ministério da solidão? A primeira-ministra prometeu uma estratégia que inclui políticas públicas para lidar com “essa triste realidade da vida moderna”. O Reino Unido decidiu combater a solidão baseado na estatística de que 9 milhões de pessoas, entre jovens e idosos, sentem-se sozinhas. Nos Estados Unidos, mais de 40% dos americanos adultos dizem se sentir sozinhos, o que levou estudiosos do tema a declararem que o país vive uma “epidemia de solidão”.

Somos invadidos todos os dias por ideias e discursos que cultivam a autonomia, o bem-estar individual e a alienação a objetos de consumo que prometem preencher o vazio da vida moderna. Discute-se também diariamente a função da internet em nossas vidas: causa ou efeito da solidão? O sentimento generalizado de solidão na sociedade contemporânea parece não diminuir com as

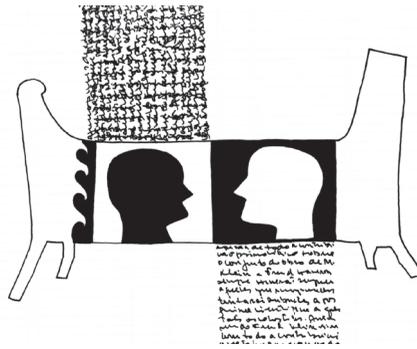
ferramentas cada vez mais sofisticadas de comunicação e interação – o que não quer dizer necessariamente contato afetivo com o outro.

Conheci a solidão ainda criança, quando a vi nos olhos de minha mãe, ao receber a notícia da morte de seu pai e sair desatinada pela casa, sem rumo e sem palavra. Somente lágrimas. Eu não podia alcançá-la, consolá-la. Diante do vazio súbito que arrombou minha alma menina, eu me vi só. Em minha imaginação infantil, era como a fuga de um meteoro rasgando o céu para cima e para longe, rumo ao infinito que devia ser gelado. O cosmos repleto de corpos celestes não muda o vazio que habita um meteoro. Aprendi mais tarde que esta forma de solidão é vivenciada como sentimento de desamparo. Repetição de um estado de ser perdido nos primórdios do tempo e reencontrado a cada vez que a realidade acusa que o cordão umbilical foi cortado para sempre. E só desse modo se pode viver, tentando ser a gente mesma.

Então, a solidão está na origem de todo sofrimento? Ela deve ser temida, evitada? Proponho, minha cara, que você não a encare como inimiga, mas a entenda como um caminho para um encontro seu com você mesma e extraia dela a experiência de um contato vivo com seu mundo interno. Quando ousamos nos visitar, entrar em contato com nossas faltas, nossos afetos, a vida interior, não estamos exatamente sozinhos. Nosso mundo simbólico, com todas as pessoas e os afetos que nos povoam, é que nos permite amar e estar verdadeiramente com o outro.



**Cláudia Carneiro** é membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília e editora do jornal *Associação Livre*.



*Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo, mas estou cheio de escravos(...)*

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE